

Setor aposta no aumento da distribuição

GILBERTO FARIAS - ARQUIVO GA

Para o doutor da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), este crescimento tem uma matriz no início dos anos 2000, com a estabilidade monetária do Plano Real de Fernando Henrique Cardoso (FHC) e as políticas sociais de Luís Inácio da Silva (Lula). Entre vários fatores, “tem o salário mínimo que passou de R\$ 200 para R\$ 788; esse dinheiro vai todo para o consumo (que não é de produtos de luxo) e abastece mercadinhos, bodegas, farmácias, padarias, lojas de roupas, móveis, materiais de construção e varejo em geral”, resalta Cícero Péricles.

Imediatamente o setor comercial atacadista, que era pequeno, observa, sente a mudança do ambiente e aposta no crescimento da distribuição do consumo de varejo. A Previdência Social é outro ponto a favor. O professor Cícero anota que Alagoas tinha 296 mil beneficiários do INSS em 2003. Em julho deste ano, este número chegou a 502 mil, que recebem mais de R\$ 5 bilhões por ano.

Para o Bolsa Família, uma conta simples com a renda média de R\$ 174. “Com este dinheiro, você pode comprar, entre outros itens, seis quilos de feijão. Multiplicando por 433 mil (contemplados em Alagoas) e por 12 meses do ano dá para adquirir 600 mil sacos de feijão (com 50 quilos). É muito feijão para o setor atacadista escoar”.

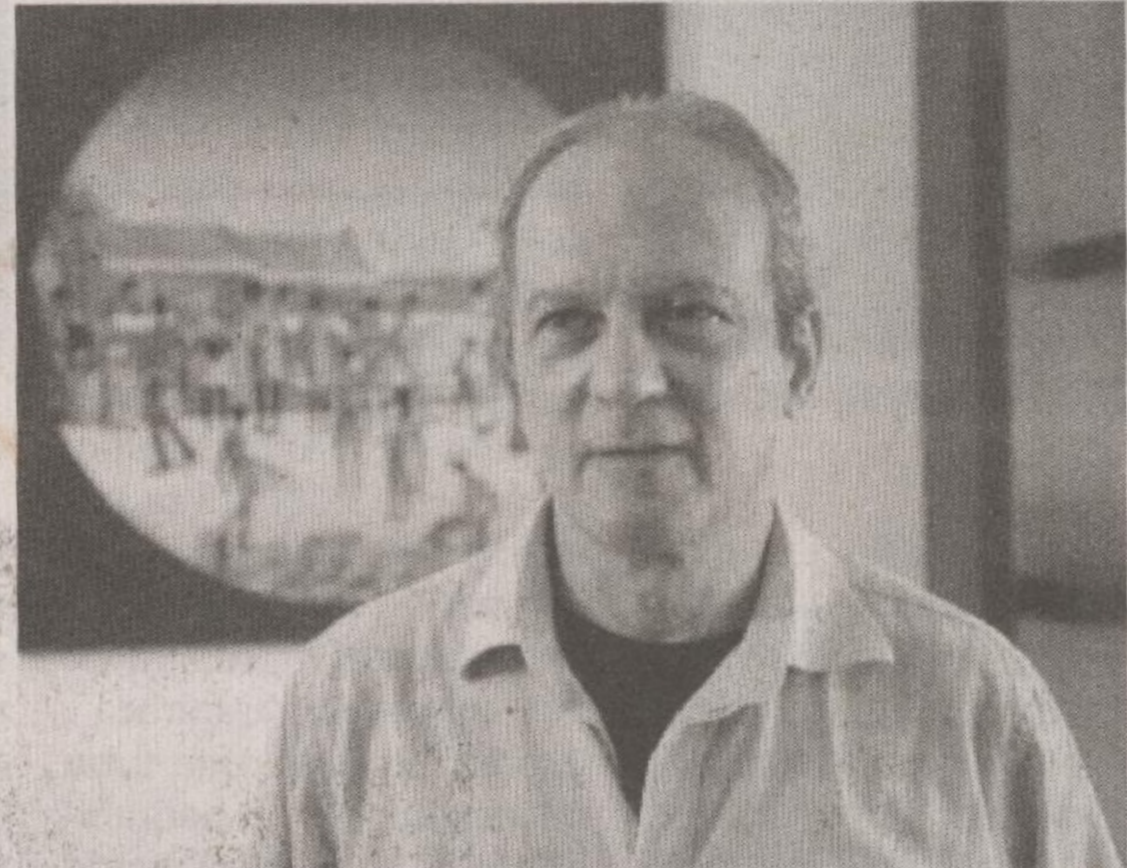
Esta explosão de consumo obrigou o setor a crescer e se modernizar, criando o que o economista classifica como o “fenômeno Zezinho”, em referência ao presidente

da Acadeal, Zezinho Vieira, um dos empresários mais bem-sucedidos do Estado. “Os atacadistas têm um padrão de tecnologia, com rotas informatizadas, caminhões com GPS, acompanhamento de satélite, mão de obra cada vez mais especializada, gestão de metas e é um setor urbano, moderno, seja nos compromissos trabalhistas, como na responsabilidade social e formação profissional continuada”.

AVANÇO

O pesquisador da Ufal aponta que Comércio e Serviços representam 70% da nossa economia, ainda composta pelos 20% da Indústria e 10% da Agricultura. “O setor atacadista emergiu no Brasil inteiro e a demanda reprimida em Alagoas é grande, todas as políticas de transferência de renda deram um forte impulso”. O avanço da arrecadação do ICMS no segmento da alimentação impressiona. Saltou de R\$ 252,5 milhões em 2010 para R\$ 360,6 milhões em 2014, mais de 42,8% em quatro anos.

São muitas vendas a mais, com a inclusão de um público que não comprava tanta comida. “Quando isso acontece, você cria uma rede, dá oportunidades a 102 mil micro e pequenos empresários optantes pelo Simples em Alagoas”, permeia Cícero. Para o consultor, nada disso seria possível se a rede de distribuição, “o grande canal atacadista”, não atuasse de forma sincronizada para manter abastecida uma rede com mais de 8 mil pontos de venda, inclusive do varejo independente. **MG**



O economista Cícero Péricles: “O setor atacadista emergiu no Brasil”

Informa **CUT** ALAGOAS

CUT-AL realiza ato público contra o “Plano Levy”



A exemplo do que ocorreu nas demais capitais, a Central Única dos Trabalhadores em Alagoas (CUT-AL) realizou, na última terça-feira (28), ato público contra a política econômica adotada pelo governo federal, o chamado “Plano Levy”. A manifestação contou com a presença de entidades de servidores estaduais, da reserva técnica da PM e do Fórum das Entidades de Trabalhadores da Segurança Pública.

Para a CUT, o governo federal vem adotando uma política econômica “suicida”, com aumento da taxa de juros, que contribui para acelerar o desaquecimento da atividade econômica, uma vez que encarece o crédito, desestimula a criação de emprego e renda e, conseqüentemente, paralisa o mercado interno. O resultado é o aprofundamento da recessão econômica, milhares de pessoas desempregadas, redução da arrecadação.

Por isso, a CUT defende uma nova política econômica que ataque de fato as causas da inflação e tenha como objetivo principal o crescimento econômico a geração de empregos e a distribuição de renda.